

Historiografia da santidade no século XXI: percursos prévios, problemáticas atuais: balanço e reflexão

M A R I A D E L U R D E S R O S A

FCSH-UNL / IEM / CEHR
missi@oniduo.pt

Resumo: O artigo procura apresentar a produção historiográfica mais recente sobre o tema da santidade. Sem possibilidades de uma apresentação exaustiva, constitui-se sobretudo como um guia de leitura para a bibliografia que se anexa, com concentração nos títulos publicados na última década. Para melhor e mais correta compreensão das abordagens analisadas, é feito previamente um enquadramento histórico da historiografia sobre santidade, nos séculos XIX e XX.

Palavras-Chave: Historiografia, Santidade, Guia bibliográfico.

Abstract: The purpose of this article is to introduce the most recent historiographic production under the theme of sanctity. As it is not possible to make an extensive presentation, the article is mainly a reading guide for the attached bibliography, focusing on titles published in the last decade. To allow a better and more correct understanding of the approaches analysed, one includes a historical framework of historiography on sanctity in the 19th and 20th centuries.

Keywords: Historiography, Sanctity, Bibliographic guide.

O objetivo principal das linhas que se seguem é apresentar genérica mas didaticamente, a mais recente produção historiográfica sobre santidade, tendo-se estabelecido como limites convencionais cómodos, a primeira década do século XXI¹. Não é de modo algum um estado da questão exaustivo, seja em termos de títulos, épocas históricas focadas, ou mesmo problemas. Tenta orientar-se mais por este último parâmetro, constituindo-se, no entanto, sobretudo como um guia de leitura para a bibliografia que se anexa, mais um vez também de carácter representativo e não exaustivo.

Para efeitos de uma análise desta natureza sobre a historiografia da santidade, podem com proveito considerar-se duas grandes fases, divididas entre si pelas naturezas intrínsecas. A primeira decorre no âmbito do sistema social de Antigo Regime, perdurando, após a rutura Iluminista e liberal, nos meios eclesiásticos até à década de 60 do século XX (sem que se negue a existência de diferenças e ruturas, a tendência de fundo foi uma longa continuidade na conceção subjacente da História, exceto durante o Modernismo, aliás condenado por Roma). A segunda encontrará génese e desenvolvimento no contexto da “História problema”, tal como esta se constitui a partir de inícios do século XX, por reação à História positivista e por influência das ciências sociais nascentes. Nas linhas que se seguem procuraremos explicitar as características principais de ambas as frases, no que à relação História/santidade diz respeito. A exposição e a bibliografia anexa reportar-se-ão maioritariamente à segunda etapa, mas a correta compreensão da mesma, sobretudo no tocante à alteração de referencial, beneficia de uma breve exposição sobre o momento anterior.

1. Do despontar da crítica histórica à função da História no processo de canonização: um percurso da abertura ao encerramento?

A partir de finais do séc. XVI, o grupo de eruditos jesuítas que viria a ser conhecido por “Bollandistas” [do nome de Jean Bolland (1596-1665), continuador decisivo do primeiro projeto, largamente inacabado, do pioneiro H. Rosweyde (1569-1629)] concentrou-se na identificação de manuscritos originais, ou mais antigos, ou mais fiáveis, de “vidas de santos” e textos afins, corrigindo-os e publicando-os segundo princípios que auxiliaram a configurar as disciplinas da crítica e da diplomática históricas². As grandes preocupações eram da ordem da verificação documental e não da interpretação.

1 Este artigo teve na sua origem um “draft paper” apresentado no ciclo de 2011 do “Seminário de História Religiosa- Época moderna” do CEHR-UCP, intitulado precisamente “A santidade”. Sem mexer a fundo na forma então adoptada, completámos alguns aspectos e inserimos sistematicamente as referências em nota de rodapé. A bibliografia do séc. XXI, em apreço no artigo, é também referenciada no final do texto, seguindo a ordem cronológica.

2 Cf. R. Godding; B. Joassart; X. Lequeux; Fr. de Vriendt; J. van der Straeten – *Bollandistes, saints et legendes: quatre siècles de recherche*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2007; Robert Godding; Bernard Joassart; Xavier Lequeux; François de Vriendt (ed.) – *De Rosweyde aux Acta Sanctorum: la recherche hagiographique des Bollandistes à travers quatre siècles. Actes du Colloque international (Bruxelles, 5 oct. 2007)*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2007.

Mesmo circunscrita a este nível, a tarefa dos Bollandistas cedo começou a despertar reações dentro da própria Igreja Católica, sendo um dos mais acesos e paradigmáticos episódios a indignação suscitada pela revisão feita por Daniel Papenbroek (1628-1714) à fundação da Ordem dos Carmelitas, negando que fosse obra do Profeta Elias. Levantou uma verdadeira batalha, na qual foi necessária a intervenção papal, impondo silêncio a Jesuítas e Carmelitas, e culminou com a condenação dos escritos pela Inquisição espanhola, em 1695, e até 1715 (se bem que alguns textos tenham ficado no *Índex* até 1900)³.

O foco foi desviado deste local central, e adquiriu novas configurações, durante o século XVIII, desde logo pelas dificuldades sobrevindas da supressão da Companhia de Jesus (1773), mas também devido a fatores de diversa índole, como a crescente insistência central, de Roma, quanto à reforma dos breviários e outros manuais litúrgicos, ou um interesse mais laicizado pelos santos no âmbito das preocupações com as “antiguidades” e com a construção (pré) científica da História, no seio das Academias eruditas. Deste modo, a “investigação” sobre a santidade passou a inserir-se também, como o restante saber produzido por aquelas instituições, numa história mais lata do “passado memorável” dos reinos. É de referir ainda o despontar de um outro debate, que o passar dos anos tornou recorrente, sobre a natureza da santidade, a partir das conceções de humanidade dos Iluministas, e das ideias de bem público e filantropia⁴. Estava-se no dealbar da apropriação da figura do santo pela sociedade laica; a sua agregação à figura central da História oitocentista, o herói, será a fase seguinte para a constituição de uma santidade cívica, não confessional – sendo no fundo, todo o processo, mais uma das expressões da disputa à instituição eclesiástica do monopólio da ética e da moral.

Continuando num registo de rápido esboço de fases significativas, poderemos falar, de seguida, de uma grande obliteração da história eclesiástica dos santos nos primeiros três quartéis do século XIX, devida aos sobressaltos da laicização e da mudança de sociedade (avultando a supressão das Ordens religiosas, bem como a perda de influência e jurisdição do Papado), seguida, a partir de finais da mesma centúria, de um ressurgimento fortemente influenciado pela “crítica textual”, então em formação, e rapidamente consagrada como pedra basilar da interpretação histórica (método filológico, edição de fontes, passado possível de alcance real a partir de documentos verídicos, etc.). A influência da História “científica” foi, no entanto, muito limitada pela relação conflitual da Igreja institucional com as leituras evolucionistas e progressistas de matriz darwiniana e naturalista – que grandemente influenciaram aquela –, que considerava fomentarem uma visão dessacralizadora e a-confessional da realidade.

3 Cf. Ronnie Po-chia Hsia – *The World of Catholic Renewal, 1540-1770*. 2ª ed. Cambridge: CUP, 2005, p. 138.

4 Cf. Pasquale Palmieri – *I taumaturghi della società: santi e potere politico nel secolo dei lumi*. Roma: Viella, 2010.

Esta esteve, como se sabe, na raiz do problema Modernista e da fortíssima reação disciplinar ao mesmo, que viria a causar um duradouro descrédito às instituições eclesíásticas produtoras de investigação histórica, assim como uma certa paralisia interna das visões mais abertas aos progressos globais da História que, entretanto, se orientava por perspectivas cada vez interpretativas e não já somente “reconstrutivas”, na linha do positivismo erudito.

Os historiadores eclesíásticos da santidade foram dos mais afetados pelo duplo acantonamento, a par dos biblistas e exegetas dos livros sacros. Hippolythe Delehay, eminente membro da Sociedade dos Bollandistas, e o fundador da moderna hagiografia erudita, viu o livro *Les légendes hagiographiques* ser colocado no Index em 1913, por modernismo, e a condenação só não se aprofundou mais pelas amplas movimentações da Companhia de Jesus, de outros eruditos eclesíásticos, alguns deles grandes figuras da Cúria romana, e mesmo do governo belga⁵. A História não podia deixar mais de ser tida em conta, mas, como tudo dentro de um universo organizacional do tipo que é a Igreja católica, tinha que ser submetido ou pelo menos adequado às regras desta. No que foi ao mesmo tempo uma resposta positiva e negativa ao Modernismo, em 1913 um decreto da Congregação dos Ritos impôs formalmente que a documentação histórica fosse tida em causa no processo de canonização; a disposição não foi, porém, tida em conta no Código de Direito Canónico pio-benedictino de 1917; e apenas em 1930 o *motu proprio* de Pio XI instituiu uma “Secção histórica” na Congregação dos Ritos, destinada a tratar das causas sobre as quais não existiam testemunhos diretos sendo, portanto, necessário recorrer a documentos históricos⁶.

A História da Congregação para a Causa dos Santos nunca foi nem será, no entanto, a “História dos historiadores profissionais” pois não se tratou de uma evolução interna de um campo disciplinar (a historiografia eclesíástica continuou a evoluir, como veremos) mas sim de uma inserção da disciplina História num discurso e numa prática institucional com outros objetivos que não o conhecimento científico do passado. A questão passa em boa parte pela recusa de uma abordagem dos santos que suspenda, que não integre, como categoria de análise, a sobrenaturalidade. Ou seja, pode-se aceitar uma historicização limitada, que é inserida na perspectiva das expressões históricas do Cristianismo, mas não se aceita que o fenómeno seja apenas dessa natureza e muito menos que as dimensões humanas históricas sejam determinantes na relação do santo para com Deus, nem, sobretudo, na concessão do título de santo. Neste sentido não há “prova histórica da santidade”, e a recolha de documentos a que a Secção Histórica da Congregação dos Ritos provia tinha, antes de mais, como finalidade suprir a ausência de testemunhos diretos, pela antiguidade dos candidatos. É preciso compreender os

5 Cf. B. Joassart – *Hippolyte Delehay: hagiographie critique et modernisme*. Bruxelas: Societé des Bollandiste, 2000.

6 Cf. Éric Suire – *La sainteté à l'époque moderne: panorama des causes françaises (XVIIe-XVIIIe siècle)*. *Mélanges de l'École française de Rome*. 110:2 (1998) 921-942.

limites da relação da “fábrica dos santos” com a História – posto de uma maneira simples mas clara, antes de tudo a concessão do título de “santo” não é entendida pela Igreja nem como um Nobel nem como um prémio cívico, mas sim como o reconhecimento, por um poder que se entende como delegado pela divindade, de uma relação especial de alguém, já morto, com esta⁷.

2. A história da santidade no âmbito da “História problema” (de meados a finais do séc. XX)

Mesmo se incorrendo em alguma simplificação, podemos dizer que, na configuração disciplinar da História-problema, então já largamente consensual, a santidade como objeto histórico apenas começa a suscitar maior interesse em meados dos anos 60 do século XX, no seio do mais amplo alargamento definitivamente empreendido no pós-guerra, e recebendo particular impulso, no que ao estudo da religião disse respeito, da renovação e abertura proporcionadas pelo Concílio Vaticano II.

Devem, no entanto, assinalar-se-lhe alguns antecedentes notáveis, que mais tarde irão dar frutos, após a interrupção dos conflitos mundiais da primeira metade do século. Por um lado, o interesse pelo papel dos sistemas simbólicos na ordenação social, oriundo da Antropologia, que irá ter especiais consequências na abordagem moderna da santidade pelos historiadores norte-americanos, desde logo pelo “pai fundador” que foi Peter Brown; por outro, os desenvolvimentos da História cultural, de Burckardt a Dilthey, que contribuem decisivamente para o fim do monopólio do político como objeto único, ou central, ou “mais nobre”, da História e, por outro, para o rompimento da História como explicação em benefício da História como interpretação.

Um trabalho que é imperioso referir a este respeito é a obra-prima de Marc Bloch, *Les rois thaumaturges*, onde se coloca a questão do reforço essencial do poder régio por elementos sacralizadores que comungam, a um tempo, das religiosidades pagã e cristã, sendo ainda influenciados, dentro desta, pelas práticas do culto dos santos⁸. O livro reforça também um outro aspeto que mais tarde se tornará essencial nesta área de estudos: a importância dos elementos não-rationais do poder político, completamente arredada da História oitocentista, em especial da forma como os historiadores franceses reinterpretaram a monarquia capetíngia como exemplo de administração moderna, racional e eficaz a partir apenas da boa *praxis* legal e administrativa, no meio de um mundo submerso na superstição e no domínio eclesiástico, que fundava o seu poder na manipulação do sobrenatural. Afinal os monarcas capetíngios não só não tinham

7 Cf. Maria de Lurdes Rosa – Fazer «História» para «fazer santos»: uma (im)possível compatibilidade. *Lusitania Sacra*. 12 (2000) 439-445.

8 Cf. Marc Bloch – *Les rois thaumaturges: étude sur le caractère surnaturel attribué à la puissance royale particulièrement en France et en Angleterre*. Estrasburgo: PUE, 1924.

rompido com elementos de sacralização e de santificação do poder régio oriundos dos tempos merovíngios, como ativamente tinham “copiado os padres” na forma de legitimar o poder dinástico. E tinham ainda, se não de todo inaugurado, pelo menos trazido para a ribalta, algo que a Igreja sempre temeu no que toca à explicação do poder dos santos – a transmissão dinástica da santidade. Para a Igreja, fundada num parentesco exclusivamente espiritual, assente numa anti-genealogia em que o Filho é o Pai, o Pai o filho⁹, e em que a manifestação excecional dos dons divinos que é a santidade depende apenas de Deus, e o seu reconhecimento como “correto” (e não um engano do maligno – o “discernimento dos espíritos”), depende apenas dela, a santidade dinástica era um problema seriíssimo.

Passando agora de forma mais direta à historiografia sobre a santidade, nestes anos primordiais merecem ainda destaque autores como E. Kemp, que com *Canonization and authority in the Western church* elabora um dos poucos estudos não confessionais e historicamente profissionais sobre o procedimento jurídico da canonização na Igreja ocidental¹⁰; Pierre Deloiz, que aplica à santidade os inquéritos quantitativos oriundos da sociologia, que pela mesma época o padre Gabriel Le Bras, que aliás prefacia a obra, aplicava de forma pioneira à frequência dos sacramentos pelos cristãos da época¹¹. E é justo que se destaque um outro tipo de abordagem, a dos folcloristas/etnógrafos. Mais tarde confluindo quase totalmente na dos antropólogos, durante o séc. XIX e a primeira metade do XX contribuiu autonomamente para a manutenção das temáticas das santidades alternativas e das canonizações “populares”, ou não ligadas à instituição Igreja, bem como para uma interpretação de “longa duração” *avant la lettre* da própria santidade católica. Destacam-se aqui dois trabalhos, o de Pierre Santyves, *Les saints successeurs des Dieux*¹² e o de C. Grant Loomis, *White magic: an introduction to the folklore of Christian legend*¹³, o primeiro sobre os cultos em geral e o segundo a partir dos textos hagiográficos. As recolhas de materiais e as interpretações subjacentes dos estudiosos desta área vão também ser importantes na reformulação do papel dos santos na historiografia interpretativa que sobre eles se forma e cresce significativamente a partir de meados dos anos 60.

Nesta década é imperioso destacar rapidamente algumas obras clássicas, como a edição de Jacques Fontaine de uma das hagiografias centrais da alta Idade Média,

9 Cf. Bartolomé Clavero – *Dictum beati: A proposito della cultura del lignaggio. Quaderni Storici*. 86:2 (1994) 335-363; Jérôme Baschet – *La civilisation féodale: de l’an Mil à la colonisation de l’Amérique*. 3ª ed. Paris: Flammarion, 2006.

10 Cf. E. Kemp – *Canonisation and authority in the Western Church*. Oxford: Oxford U. P.; Nova Iorque: A. M. Press, 1980.

11 Cf. Pierre Deloiz – *Sociologie et canonisation*. La Haye: Martinus Nijhoff ; Liège: Faculté de Droit de Liège, 1969. Deve registar-se uma tentativa afim anterior, em 1950, o livro do sociólogo de origem russa, mas sediado em Harvard, Pitirim Sorokin – *Altruistic love: a study of American “good neighbors” and Christian saints*. Boston: Beacon Press, 1950, limitado porém pela escassa densidade histórica da análise.

12 Cf. Pierre Santyves – *Les saints successeurs des Dieux*. Paris: E. Noury, 1907.

13 Cf. C. Grant Loomis – *White magic: an introduction to the folklore of Christian legend*. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1948.

a *Vita Martini* (1967)¹⁴, com um importante capítulo metodológico e opção clara pela contextualização histórica; pela mesma época, em campo ideológico oposto e, embora trabalhando para uma mesma valorização dos textos, defendendo uma visão instrumental da hagiografia como veículo clerical para opressão popular, temos a obra do checo František Graus sobre a hagiografia merovíngia¹⁵.

Os anos 70 marcam o início da verdadeira explosão dos trabalhos, que prosseguirá sem abrandamento até hoje (embora, como vamos ver, a primeira década do século XXI seja marcada por um desvio importante em relação à “acumulação empírica” que acabou por ocorrer durante as décadas anteriores). Multiplicaram-se as abordagens monográficas, por santos, ordens, regiões, períodos; e sobretudo alteram-se fundamentalmente as bases da análise.

Têm sido apontadas diversas explicações para esta explosão, que vão desde o *boom* dos alunos universitários, na Europa e nos EUA – em número, raça e género – até à procura do religioso. Haverá ainda a valorizar características e evoluções internas aos campos historiográficos, em termos epistemológicos e institucionais: a santidade oferece um fértil campo de estudo para temas culturais, simbólicos e religiosos, que surgem como consequências naturais dos desenvolvimentos pós-guerra de algumas escolas historiográficas, como os *Annales*, os medievalistas alemães que estudaram a memória, os americanos da renovação da história do tema a partir de abordagens interdisciplinares, como sejam a antropologia (onde se inserem dois grandes nomes dos estudos sobre a santidade desta década, Peter Brown¹⁶ e Caroline Bynum¹⁷) e da teoria literária (onde entre outros se destaca a verdadeira renovação da abordagem à hagiografia operada por Heffernan¹⁸, na esteira de Frye¹⁹) e, oriundos de diversas escolas, historiadores e outros cientistas sociais interessados na relação entre poder sacral e instituição, entre dominação social e dominação/construção da sacralidade. Ao mesmo tempo, a santidade oferece um conjunto de fontes muito atrativo para estudos seriais, vastíssimo por comparação a outros géneros textuais dos períodos mais antigos (sendo os três grandes blocos as hagiografias, os processos de canonização e a documentação relativa ao culto, litúrgica e eclesiástica, de vários tipos, mas também régia e notarial – livros de milagres, etc.). E permite, igualmente, estudos de caso e micro-história, “alcançar os homens” para além do processo. Não foi por acaso que a

14 Cf. Jacques Fontaine – *Sulpice Sévère, Vie de Saint Martin*. Paris: Ed. du Cerf, 1967.

15 Cf. František Graus – *Volk, Herrscher und Heiliger im Reich der Merowinger: Studien zur Hagiographie der Merowingerzeit*. Praga: Nakladatelství Československé akademie věd, 1965 (= «Povo, senhores e santos no reino dos Francos: estudos sobre a hagiografia do período merovíngio»).

16 Cf. Peter Brown – *The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity*. Chicago: Univ. California Press, 1981.

17 Cf. Caroline W. Bynum – *Holy fast and holy food: The religious significance of food to medieval women*. Berkeley: University of California Press, 1987.

18 Cf. Thomas J. Heffernan – *Sacred biography: Saints and their biographers in the Middle Ages*. Nova Iorque / Oxford: Oxford U. P., 1988.

19 Cf. Northrop Frye – *The Great Code: the Bible and literature*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovitch, 1982.

“forma de recolha e organização da informação sobre o santo”, para fins de recolha de materiais e de investigação, se manteve semelhante desde os primeiros Bollandistas até aos nossos dias²⁰.

Desde meados da década de 60 e em força desde a de 70, a atenção aos santos, em termos de obras publicadas na historiografia académica, revela antes de mais uma disseminação generalizada por vários países. Poderemos destacar, entre outros, Sofia Boesch Gajano em Itália, com *Agiografia altomedievali* (1966)²¹; nos Estados Unidos Ch. Trinkaus e Heiko Oberman, com *The pursuit of holiness* (1974)²²; na Grã Bretanha, Derek Baker, *Sanctity and secularity* (1973)²³; no Canadá, Joseph-Claude Poulin, *L'idéal de sainteté dans l'Aquitaine carolingienne* (1975)²⁴; em França (através da École française de Rome, onde uma frutuosa colaboração franco-italiana no tema se inaugurava então, produzindo nas décadas subsequentes algumas das mais notáveis obras a ele dedicadas e reunindo uma biblioteca especializada de primeira grandeza), Pierre Journal, *Le culte des saints dans les basilique du Latran et du Vatican au XII^e. siècle* (1977)²⁵.

A abordagem era sobretudo sociológica, na linha de uma aplicação dos temas e problemas da história social então muito em voga, e afastava-se, decisivamente, da confessionalidade e da História eclesiástica tradicional. Não estamos ainda propriamente em presença de um campo científico a afirmar-se, com metodologias e teorias específicas, mas começava o processo, que foi rapidíssimo. Durante esta década estavam a ser escritos livros e teses como as de André Vauchez, Michael Goodich e Weinstein/Bell, publicados em inícios dos anos 80, que iriam contribuir de forma fundamental para a formação de um campo disciplinar novo²⁶. Ainda não se sentindo a confluência de ambas as vias, é também a época de maturação da abordagem de Peter Brown à santidade tardo-antiga, que fornecerá uma base interpretativa muito forte e teoricamente estruturada, para a compreensão da “função” da santidade. O primeiro artigo de Brown data de 1971²⁷, os dois livros amadurecidos, respetivamente, de 1981²⁸ e 1982²⁹. O caminho para a consolidação verifica-se, por exemplo, no aparecimento

20 Cf. Bernard Joassart – Érudition et hagiographie aux XVII^e et XVIII^e siècles. *Annuaire de l'École pratique des hautes études: section des sciences historiques et philologiques*. 141 (2010) 202-206; Jq. Dubois; Jean-Loup Lemaître – *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*. Paris: Cerf, 1993, p. 17, 343ss; Patrick Henriot – Texte et contexte: tendances récentes de la recherche en hagiologie. In S. Cassagnes-Brouquet; A. Chaou; D. Pichot (ed.) – *Religion et mentalités au Moyen Âge: Mélanges en l'honneur d'Hervé Martin*, p. 75-86. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003.

21 Cf. Sofia Boesch Gajano – *Agiografia altomedievali*. Bolonha: Il Mulino, 1976.

22 Cf. Ch. Trinkaus; H. Oberman – *The pursuit of holiness in late medieval and Renaissance religion*. Leiden: Brill, 1974.

23 Cf. Derek Baker – *Sanctity and secularity*. Oxford: Blackwell, 1973.

24 Cf. Joseph-Claude Poulin – *L'idéal de sainteté dans l'Aquitaine carolingienne, d'après les sources hagiographiques, 750-950*. Québec: Presses de l'Université Laval, 1975.

25 Cf. P. Journal – *Le culte des saints dans les basiliques du Latran et du Vatican au XII^e siècle*. Roma: EFR, 1977.

26 Cf. Infra sobre estas obras (p. 224).

27 Cf. Peter Brown – The rise and function of the holy man in late Antiquity. *Journal of Roman Studies*. 61 (1971) 80-101.

28 Cf. Peter Brown – *The cult of the saints...*

29 Cf. Peter Brown – *Society and the holy in late antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1982.

de estados da questão, que reúnem as obras dispersas, apontam metodologias e temas comuns, referem caminhos a percorrer – dois nomes então já consagrados fazem-no em 1977 (Marc Van Uytfganghe a propósito de uma edição da *Vita* de São Severino³⁰) e em 1979 (Jacques Fontaine, numa abordagem global³¹). Um testemunho de que a rapidez das mutações surpreendia os próprios autores são as palavras com que Van Uytfganghe abre a sua longa recensão historiográfico-programática:

«Um fenómeno muito surpreendente – pelo menos à primeira vista – caracteriza hoje a investigação no domínio da filologia e da História da Antiguidade cristã e da Idade Média: o interesse crescente que suscita a hagiografia. É certo que as gerações que nos precedem nada desmereceram nesta matéria (pense-se nos pioneiros que foram e que continuam a ser os Bollandistas de Bruxelas), mas, desde há cerca de vinte anos, deu-se uma mudança de perspectiva e de abordagem, de resto ao mesmo tempo que a renovação das ciências históricas (renovação metodológica, mas também deslocação de interesse para a História social e a História das mentalidades)»³².

Antes de passarmos à década da afirmação plena deste campo científico, é justo referir o livro de um consagrado historiador beneditino, facto aqui tanto mais relevante quanto o livro ensaia “abordagens psico-históricas” sobre a grande figura da ordem de Cister que foi São Bernardo. Jean Leclercq fez parte de uma corrente que se manterá nos anos seguintes um pouco marginal, a dos eclesiásticos dedicados ao tema, tanto pela questão das mutações institucionais internas à Igreja decorrentes do Vaticano II (diminuição do número de eclesiásticos e atração por outros assunto que não a História medieval, a que em geral se chegava pelo interesse nas “origens” da Ordem), como pelo fator externo, que foi a literal invasão dos estudos hagiográficos pelos historiadores profissionais, leigos e oriundos de universidades não confessionais. Mas Jean Leclercq, juntamente com Jacques Fontaine ou Jacques Dubois, fazia parte de uma corrente avançada da História eclesiástica que aderiu com algum entusiasmo às novas abordagens, tal como o iam fazendo, ainda que de um modo diverso, os Bollandistas – prolongando-se assim o pioneirismo, em relação ao resto da instituição, das duas Ordens religiosas que tinham sido determinantes na implementação do “método histórico” no estudo da santidade, os Beneditinos e os Jesuítas, encontrando agora um ambiente de muito maior liberdade do que no séc. XVII e na crise Modernista. Refira-se que logo em 1982, um ano depois de *The rise and function of the holy men*, Jacques Fontaine publicara uma longa recensão ao livro de Peter Brown, intitulada

30 Cf. Marc van Uytfganghe – Les avatars contemporains de l’hagiologie: à propos d’un ouvrage récent sur saint Séverin de Norique. *Francia*. 5 (1977) 639-671.

31 Cf. Jacques Fontaine – Le culte des saints et ses implications sociologiques: reflexions sur un recent essai de Peter Brown. *Analecta Bollandiana*. 100 (1982) 17-41.

32 Marc van Uytfganghe – Les avatars..., p. 639.

«O culto dos santos e a as suas implicações sociológicas»³³. E, embora não tenha a ver diretamente com os Bollandistas, não se pode deixar de mencionar, por fim, o artigo de um outro jesuíta, historiador e filósofo, não já na linha empiricista dos seus ilustres confrades (apesar do empiricismo destes ser tudo menos um positivismo estreito e simplista), mas sim uma abordagem claramente interpretativa. Referimo-nos a Michel de Certeau, com a entrada “Hagiographie” na *Encyclopaedia Universalis*, de 1980, texto profundamente renovador, mesmo em termos do que faziam os mais avançados historiadores sociológicos³⁴.

O início dos anos 80 foi, como referimos, marcado por alguns trabalhos que iriam definir os contornos e as características internas deste campo historiográfico: Peter Brown, que coloca a função social do santo, e a própria figura deste, em bases radicalmente diversas do que até então se fizera (a coesão da sociedade antiga, a espacialização das novas sacralidades, e o santo como dispensador de carisma, o santo como reorganizador do poder social disperso); André Vauchez, com a renovação profunda da história da construção da santidade pela Igreja, e a definição de uma tipologia da santidade a partir de uma abordagem sistemática dos processos de canonização da época medieval³⁵; Michael Goodich, com um estudo mais focado mas também partindo de uma base empírica muito vasta sobre os ideais de santidade no século XIII³⁶, e o estudo alargado, combinando estatística e estudos sincrónicos tipológicos, de David Weinstein e Rudolph Bell, *Saints and society*, no longo período da Europa de Antigo Regime³⁷.

Estes dois últimos autores contribuíram para uma relativa viragem sociológica no interesse dos medievalistas e modernistas americanos pela santidade, que até então tinha sido mais antropológica – sem que o deixe de ser, R. Bell publica poucos anos depois, em 1985, outro livro marcante, *Holy anorexia*³⁸, e data de 1987 o livro absolutamente fundamental de Caroline Walker Bynum, *Holy feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women*³⁹. Se não trata propriamente da santidade – e sem dúvida não da santidade que, na época dos fenómenos estudados, a Igreja institucional implementava –, mas sim do tipo de comportamento sacralizador que era a privação de comida material, em detrimento do alimento espiritual, por mulheres creditadas com um enorme poder sobrenatural, o livro não menos contribui para

33 Cf. Jacques Fontaine – Le culte des saints et ses implications sociologiques...

34 Cf. Michel de Certeau – Hagiographie. In *Encyclopaedia Universalis*. Vol. 8. Paris: Enc. Universalis France, p. 207-209.

35 Cf. André Vauchez – *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2ª ed. Roma: École française de Rome, 1988.

36 Cf. Michael Goodich – *Vita perfecta: the ideal of sainthood in the thirteenth century*. Estugarda: Hierseman, 1982.

37 Cf. Donald Weinstein; Rudolph M. Bell – *Saints and society: the two worlds of western Christendom. 1000-1700*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

38 Cf. Rudolph Bell – *Holy anorexia*. Chicago: Chicago University Press, 1985.

39 Cf. Caroline Walker Bynum – *Holy feast and Holy Fast: the Religious Significance of Food to Medieval Women*. Berkeley: University of California Press, 1987.

colocar em bases muito mais complexas a questão do poder dos “santos”, ao mesmo tempo introduzindo firmemente o tópicos do *gênero* na historiografia da santidade – na linha do que é hoje considerado uma das mais profundas mutações da historiografia feita a partir da década de 50 do século XX⁴⁰.

Destacaria, por fim, a atenção crescente dos historiadores ao texto hagiográfico, que passou por uma evolução também ela concomitante com a da historiografia em geral – de elemento informativo para a história sociológica ou a sua sucessora, a das “mentalidades”, vai sendo cada vez mais considerado como “texto”, como “ato discursivo”. Este debate foi muito rico pois os textos hagiográficos são locais ótimos para equacionar o que então estava em questão – em pleno “*linguistic turn*” –, quanto à “realidade” dos textos. Sem entrar nos múltiplos meandros desta reedição da querela entre Antigos e Modernos – mas também não a desmerecendo, pois trouxe ganhos de monta para uma abordagem da História cultural muito menos simplista –, referiríamos dois nomes, de tradições analíticas diferentes, mas que contribuíram a seu modo para um enriquecimento das perspectivas. Por um lado, Sofia Boesch Gajano, que na escola franco-italiana continuou a chamar a atenção para a importância dos textos enquanto textos mesmo na grande voga das abordagens sociológicas da santidade⁴¹; por outro, James Heffernan, que em torno do tema “*sacred biography*” estabeleceu definitivamente a natureza do texto hagiográfico como um produto cultural e propôs o conceito de “entretencimento” para inserção numa comunidade textual secular e sacral que era a “grande narrativa” cristã, uma religião da palavra e do livro, onde a pertença à comunhão dos santos se fazia também pela comunidade de palavras⁴². Seria injusto não mencionar livros um pouco marginais mas não menos iluminadores destes complexos mundos tão estranhos à sociedade laicizada, como o de Alain Boureau sobre o Cristianismo como «*récit sans fin*»⁴³ – tanto mais possível porque o seu campo de estudo era precisamente essa primeira grande compilação abrangente, universalista, das vidas de santos que foi a *Legenda Aurea*, precursora de todos os *Flos Sanctorum*, *Agiológicos* e outras “recolhas ativas” – porque plásticas, criadoras e conformadoras de realidades – de vidas de santos da época tardo medieval e moderna⁴⁴.

A história da historiografia da santidade de meados da década de 80 até finais do séc. XX é a história de um multiplicar de temas. Nela se encontram, a propósito dos santos, quase todas as correntes historiográficas gerais. Foi também o tempo de uma afirmação de cariz institucional – encontros, volumes coletivos, sínteses, grandes histórias gerais

40 Cf. G. Spiegel; P. Freedman – Medievalisms Old and New: the Rediscovery of Alterity in North American Medieval Studies. *American Historical Review*. 103 (1998) 677-704.

41 Cf. Sophia Boesch-Gajano – Il culto dei santi: filologia, antropologia e storia. *Studi Storici*. 23:1 (1982) 119-136; *Raccolte di vita di santi dal XIII al XVIII secolo: strutture, messaggi, fruizioni*. Fasano di Brindisi: Schena, 1990.

42 Cf. Thomas J. Heffernan – *Sacred biography...*

43 Cf. Alain Boureau – *L'événement sans fin: récit et christianisme au Moyen Âge*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

44 Cf. Alain Boureau – *La «Légende dorée»: le système narratif de Jacques de Voragine (+1298)*. Paris: Éditions du Cerf, 1984.

de escopo cultural e em boa parte comercial, alargamento às periferias historiográficas (como Espanha, países de Leste e Portugal – sendo que esta se manteve e mantém, deve dizer-se, a mais periférica⁴⁵). Em termos temáticos, verificou-se o aprofundamento e a verificação monográfica de alguns dos temas lançados pelos grandes autores – tipologias da santidade, santidades territoriais (de uma diocese, de uma região), sociologia e outras abordagens grupais da santidade, género, santidade e corpo. Destaca-se como relativamente novo o estudo das santidades de margem, da relação desta com poderes sacrais negativizados pela Igreja, carismas – isto em boa parte via História do género. Afirma-se, por fim, o estudo das santidades não canonizadas, não institucionais, extra-cristãs⁴⁶. A santidade cristã sob este influxo é olhada também como uma “mitologia”, termo antes reservado para os panteões das religiões “pagãs”⁴⁷. Não deixa de ser curioso que o autor de um artigo sobre a santidade na época moderna, publicado em 1998 numa revista tão emblemática para este tema como eram as *Mélanges de l’Ecole française de Rome: Italie et Méditerranée*, se sentisse na necessidade de começar pela afirmação:

«Historiens et sociologues considèrent que la sainteté ne se limite pas à l’ensemble des saints canonisés. Elle comprend également tous les serviteurs de Dieu auxquels un groupe social a attribué, à un moment donné, la qualification de saint. Cela n’implique pas qu’il faille délaissier la sainteté “officielle”, reconnue et fêtée dans le calendrier de l’Église»⁴⁸.

3. A historiografia sobre santidade no século XXI: auto-reflexão historiográfica e construção de objetos complexos

Pensamos ser possível detetar a existência de algumas importantes mutações, nos últimos dez anos, acompanhando de resto a de diversas outras áreas sectoriais de análise historiográfica. Verifica-se, em primeiro lugar, uma diminuição da profusão quantitativa em benefício de alguns eixos concentrados de observação mais complexa do fenómeno “santidade”. Depois, encontra-se uma importante e difundida autorreflexão pelos autores e centros de produção implicados – inserível na “viragem historiográfica” – e, tal como ela, também possibilitada e impulsionada pelos meios cibernauticos, pela disponibilização e circulação da informação quase em tempo real.

45 Sobre ela veja-se, até finais década de ‘90, Maria de Lurdes Rosa – Hagiografia e santidade. In Carlos Moreira Azevedo (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. [Vol. II:] *C1*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 326-361; e, apenas para os estudos dedicados à Idade Média, Maria de Lurdes Rosa – Sociabilidades e espiritualidades na Idade Média: a historiografia portuguesa sobre os comportamentos religiosos dos leigos medievais. *Lusitania Sacra*. 21 (2009) 75-124, e, especificamente sobre as hagiografias, Cristina Sobral – Hagiografia em Portugal: balanço e perspectivas. *Medievalista online*. 3:3 (2007). Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalista-hagiografia.htm> [consultado em 05/08/2013].

46 Bibliografia em Cristina Sobral – Hagiografia em Portugal...; ver também Francesco Scorza Barcellona – Les études hagiographiques au 20^e siècle. *Revue d’histoire ecclésiastique*. 25:3 (2000) 17-33.

47 Cf. P. Walter – *Mythologie chrétienne: rites et mythes du Moyen Age*. Paris: Entente, 1992.

48 Éric Suire – La sainteté à l’époque moderne: Panorama des causes françaises (XVIe-XVIIIe siècle). *Mélanges de l’Ecole française de Rome: Italie et Méditerranée*. 110:2 (1998) 921-942.

Começaria por este último aspeto, que corresponde a uma etapa bem conhecida da constituição dos campos científicos. Após a conclusão dos doutoramentos ou outras obras de fôlego iniciais, segue-se a profusão de estudos orientados pelos cientistas que os realizaram, e sequencialmente, pelos orientandos, etc. Boa parte deste percurso implica a realização de reuniões e a preparação de projetos conjuntos. Destes nascem investigação monográfica e elaboração de instrumentos de trabalho, pontos da situação, etc. Da informação e reflexão acumulada nasce uma tomada de consciência dos aportes dos grupos, das suas bases de partida, das inflexões, etc. E começa-se a fazer a “História da disciplina”, em boa parte para descobrir novas vias, emendar falsas partidas, contextualizar hipóteses (que vão ficando mais fáceis de criticar, à medida que adquirem mais anos de vida). Os desenvolvimentos de campos vizinhos em determinados sentidos ajuda também à elaboração de novos questionários (é o caso, como veremos, da História da escrita e da textualidade, por alguns chamado “*tournant documentaire*”, ou da nova apreciação da instituição “Igreja” e do seu papel no seio da sociedade de Antigo Regime devida a Alain e Anita Guerreau, D. Iogna-Prat e geração seguinte).

Nos estudos sobre a hagiografia e santidade nota-se bem isto. Entre a bibliografia dos últimos dez anos, abundam os estados da questão, as sínteses, os estudos sobre os fundadores, as homenagens aos “pais renovadores” agora em fim de carreira.

Assim, em 1993 foi publicado o manual *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*⁴⁹. Em 2000 os Bollandistas reeditam, com atualização bibliográfica, o manual tradicional de R. Aigrain⁵⁰. A partir dos anos 90, há um pulular de *sites* sobre o tema, destacando-se entre eles a secção sobre Hagiografia do «The ORB – net», da responsabilidade de Thomas Head⁵¹, o projeto «Hagiographies» dirigido por G. Philippart (U. Namur)⁵², os *Acta Sanctorum* em CDrom pesquisável mas pago, na Chadwick mas pelo menos disponível em imagem na Galica.fr⁵³, a TASC – *Transnational Database and Atlas of Saints' Cults*, da U. Leicester⁵⁴, o BHLms (catálogo dos manuscritos hagiográficos latinos publicados pelos Bollandistas⁵⁵), o *Medieval french hagiography project* (U. Virgínia)⁵⁶ e muitos outros – a ponto de se poder encontrar, numa bibliografia recente de um consagrado autor, Jean-Claude Poulin, o título “sitografia da hagiografia medieval”⁵⁷. Há também associações – os Bollandistas, claro, com um utilíssimo *site*⁵⁸

49 Cf. Jacques Dubois; Jean-Loup Lemaître – *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*. Paris: Cerf, 1993.

50 Cf. R. Aigrain – *L'hagiographie: ses sources, ses méthodes, son histoire. Reproduction inchangée de l'édition originale de 1953, avec un Complément bibliographique par R. Godding*. Bruxelas: Société des Bollandistes, 2000.

51 <http://www.the-orb.net/encyclop/religion/hagiography/hagindex.html> [consultado em 05/08/2013].

52 http://www.fundp.ac.be/philo_lettres/histoire/h221.htm [consultado em 05/08/2013].

53 <http://acta.chadwyck.co.uk/> [consultado em 05/08/2013].

54 <http://www.le.ac.uk/users/grj1/tascintro.html> [consultado em 05/08/2013].

55 <http://bhlms.fltr.ucl.ac.be/> [consultado em 05/08/2013].

56 <http://www.frenchsaintslives.org/> [consultado em 05/08/2013].

57 <http://guides.bib.umontreal.ca/uploads/uploads/original/Hagiographie-source.pdf?1300224600> [consultado em 05/08/2013].

58 <http://www.kbr.be/~socboll/index.php> [consultado em 05/08/2013].

e, entre as mais importantes e de base científica, a AISSCA (*Associazione Italiana per lo Studio della Santità, dei Culti e dell'Agiografia*⁵⁹ – que anima o *Centro Europeo di Studi Agiografici*, em Rieti⁶⁰), a *Hagiographic Society* (congrega estudiosos EUA e Canadá, fundada 1990)⁶¹, na Bélgica a «Hagiologia – Atelier Belge d'Études sur la Sainteté», ligada ao grupo de Philippart e Trigalet, da U. Namur, desde 1994)⁶². O interesse cultural é também notável, desde a profusão de sites sobre santos até à mais alta difusão cultural, destacando-se grandes e belas exposições como a de 2006 no J. Paul Getty Museum, «The cult of saints»⁶³ ou, já em 2011, «Treasures of Heaven – saints, relics and devotion in medieval Europe», no British Museum⁶⁴.

Uma das mais interessantes áreas da autorreflexão tem sido o estudo da obra dos hagiógrafos modernos, em especial os Bollandistas. Sublinhe-se que tem sido feita ou promovida em boa parte pelos próprios membros da Sociedade, usando e editando o arquivo, numa perspetiva crítica, e incorporando outros cientistas, numa característica constante da História deste grupo. Esta “História dos Bollandistas” não é uma qualquer História de um conjunto de cientistas, é a confirmação das “paradas de poder” que se jogam no jogo da santidade, fora e dentro da Igreja, e também um local ótimo para observar confrontos entre modelos sociais ou entre formas de relacionar o religioso com os novos saberes. Em finais do século XIX, os Bollandistas e seus companheiros de luta científica, como o P. Louis Duchesne, enfrentaram problemas difíceis, não apenas em relação às autoridades eclesásticas. A questão das identidades esteve constantemente em jogo, desde a oposição interna na Igreja à própria incompreensão da sociedade em geral, tanto a católica como a não católica⁶⁵.

Deve referir-se um outro tipo de revisitação científica dos contextos sociais da produção académica e/ou científica – o “medievalismo” – corrente de estudos em grande desenvolvimento no EUA e também em França e na Alemanha. Embora tendo começado e continuado pelas apropriações do passado em círculos não académicos, cada vez mais se debruça sobre a forte relação destes com a produção académica, em especial num tempo em que a inscrição universitária da História era frágil ou recente, ou em que de resto não se separava a História científica da sua função de memória

59 <http://bibliografia.aiicca.net/index.php> (apenas funciona a base de dados bibliográfica) [consultado em 05/08/2013].

60 <http://www.cesarieti.it/> [consultado em 05/08/2013].

61 <http://www.hagiographicsociety.org/> [consultado em 05/08/2013].

62 http://www.fundp.ac.be/philol_lettres/histoire/a00.htm [consultado em 05/08/2013].

63 http://www.getty.edu/art/exhibitions/cult_saints/ [consultado em 05/08/2013].

64 http://www.britishmuseum.org/whats_on/exhibitions/treasures_of_heaven.aspx [consultado em 05/08/2013].

65 Cf. L. Barmann; C.J.T. Talar (ed.) – *Sanctity and Secularity during the Modernist Period: Six Perspectives on Hagiography around 1900*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1999; Gennaro Luongo – *Erudizione e devozione: le raccolte di vite di santi in età moderna e contemporanea*. Roma: Viella, 2000; *Tabularium hagiographicum* (2002); C.J.T. Talar – *Discourse on Method: Hippolyte Delehaye's Légendes hagiographiques*. In Elizabeth Nicole Emery; Laurie Postlewaite (ed.) – *Medieval Saints in Late Nineteenth-Century French Culture*, p. 139-159. Londres: McFarland, 2004. R. Godding; B. Joassart; X. Lequeux; Fr. de Vriendt; J. van der Straeten – *Bollandistes, saints et légendes...*; Robert Godding; Bernard Joassart; Xavier Lequeux; François de Vriendt (ed.) – *De Rosweyde aux Acta Sanctorum...*; Bernard Joassart – *Érudition et hagiographie...*

da nação. Elisabeth Emery tem-se destacado pelo estudo da forma como os sécs. XIX e XX recriaram as santidades anteriores, nomeadamente medievais, bem como as peregrinações⁶⁶. Este tipo de estudos são particularmente pedagógicos para o historiador, pois apontam os modos objetivos e subjetivos como este é influenciado pelas apropriações e recriações sociais dos objetos de estudo, algo que a instituição tende a esquecer quando se começa a consolidar cientificamente – se não mesmo a apagar propositadamente, recriando um passado puramente “científico”.

Para além da revisitação dos pais fundadores, chegou-se já ao momento da homenagem – e por vezes avaliação – da obra dos “pais renovadores”⁶⁷.

Os estados da questão também são uma abordagem frequente nesta década⁶⁸, e foram prosseguidas, escritas ou estão em preparação cinco sínteses, vários dicionários⁶⁹.

Por fim, na margem entre a reflexão teórica e a abordagem mais temática, têm-se vindo a afirmar reflexões sobre a natureza das “fontes” para o estudo da santidade e a forma de as abordar. Desde logo o próprio processo de canonização⁷⁰, sendo central a questão da construção do depoimento pelo interrogador, comum a diversos tipos de fontes eclesiais, com afinidades com o procedimento do inquérito por testemunhas, essa grande inovação na forma de estabelecer a verdade mas também de construir a realidade – documentos inquisitoriais, registos de milagres, etc. E, claro, o texto hagiográfico⁷¹.

66 Elizabeth Nicole Emery; Laurie Postlewaite (ed.) – *Medieval saints in late nineteenth century French culture...*

67 Quanto a Peter Brown, ver: James Howard-Johnston; J. D. Howard-Johnston; Paul Antony Hayward – *The Cult of Saints in Late Antiquity and the Middle Ages: Essays on the Contribution of Peter Brown*. Oxford: Oxford University Press, 2002; quanto a Sofia Boesch-Gajano, ver: Antonio Volpato (ed.) – *Monaci, ebrei, santi: studi per Sofia Boesch Gajano. Atti delle Giornate di studio «Sophia kai historia» Roma, 17-19 febbraio 2005*. Roma: Viella, 2008; quanto a G. Klaniczay, ver: Ottó Gecser – *Promoting the saints: cults and their contexts from late antiquity until the early modern period. Essays in honor of Gábor Klaniczay for his 60th birthday*. Budapest: Central European University Press, 2011; quanto a A. Vauchez, ver: D. Rigaux; D. Russo; C. Vincent – *Expériences religieuses et chemins de perfection dans l'Occident médiéval: études offertes à André Vauchez par ses élèves*. Paris: Académie des Inscriptions et des Belles-Lettres, 2012.

68 Emore Paoli (ed.) – *Gli studi agiografici sul Medioevo in Europa (1968-1998)*. Tavarnuzze (Firenze): SISMEL edizioni del Galluzzo, 2000; Francesco Scorza Barcellona – *Les études hagiographiques...*; Patrick Henriot – *Texte et contexte. Tendances récentes de la recherche en hagiologie*. In S. Cagnanes-Brouquet; A. Chaou; D. Pichot (ed.) – *Religion et mentalités au Moyen Âge: mélanges en l'honneur d'Hervé Martin*, p. 75-86. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003; Pierre Boglioni – *Hagiographie et folklore: quelques coordonnées de leur rapport. Florilegium: revue de la société canadienne des médiévistes*. 22 (2005) 1-24.

69 Fora a monumental *Histoire des saints et de la sainteté chrétienne*, publicada a partir de 1986: Sofia Boesch Gajano – *La santità*. Roma; Bari: Laterza, 1999; Jean-Michel Fabre – *Dictionnaire des canonisations*. Chambray-lès-Tours: Ed. CLD, 2003; Anna Benvenuti Papi – *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005; Umberto Longo; Giulia Barone – *La santità medievale*. Roma: Jouvence, 2006. G. Philippart (ed.) – *Hagiographies: histoire internationale de la littérature hagiographique latine et vernaculaire en Occident des origines à 1550*. Vol. V. Turnhout: Brepols, 2010; Peter Clarke; Tony Claydon (ed.) – *Saints and Sanctity*. New York: Ecclesiastical History Society, 2011.

70 Gábor Klaniczay – *Procès de canonisation au moyen âge aspects juridiques et religieux*. Rome: École française de Rome, 2004; Michelle Light – *Evidence of Sanctity: Record-keeping and Canonization at the turn of the 13th Century*. *Archivaria*. 60 (2006) 105-123; Didier Lett – *Un procès de canonisation au Moyen Âge: essai d'histoire sociale. Nicolas de Tolentino, 1325*. Paris: Presses universitaires de France, 2008.

71 Saliente-se Monique Goulet – *Écriture et réécriture hagiographiques essai sur les réécritures de vies de saints dans l'Occident latin médiéval (VIII^e-XIII^e s.)*. Turnhout: Brepols, 2006, e o tema, com muita “descendência”, da reescritura hagiográfica, inserido e

Entre as numerosas abordagens temáticas, destacaríamos, como mais interessantes e inovadoras:

1. Santidades cristãs e não cristãs, santidades protestantes e “laicas”⁷²: Aigle⁷³, Gril e Amri⁷⁴, Alzati e Rossetti⁷⁵; Cavallotto⁷⁶; Palmieri⁷⁷; *Saints and sanctity*⁷⁸
2. Relação santidade/ política/ poder – Corbet et al.⁷⁹, Lauwers⁸⁰, Rowe⁸¹
3. Receção da hagiografia – Golinelli⁸²
4. A relação entre santidade cultura popular, folclore⁸³: Boglioni⁸⁴ (estado da questão e interrogações metodológicas); colóquio “Agiografia e Culture Popolari – Hagiography and Popular Cultures”, VII Convegno Internazionale AISSCA 2010.

Referiríamos, por fim, dois assuntos ainda muito em construção – de algum modo também construídos por nós a partir dos autores recentes –, que nos parecem especialmente interessantes.

3.1. A arquivagem da santidade⁸⁵

A santidade pode ser estudada sob diversas perspetivas, mas não deve nunca ser perdido de vista que ela foi uma categoria elaborada pela Igreja e, portanto, ocupando no seio do pensamento e da ordenação institucional desta uma posição específica.

um dos pilares do “*tournant documentaire*”, o interesse pelas «práticas medievais da escrita». Cf. Pierre Chastang; Étienne Anheim – Les pratiques de l’écrit dans les sociétés médiévales (VI^e-XIII^e. siècles). *Médiévales*. 56 (2009).

72 Prolongando um interesse surgido já no final final da década de 90, com a obra: Mohamed Kerrou (dir.) – *L’autorité des saints: perspectives historiques et socio-anthropologiques en Méditerranée occidentale*. Paris, 1998.

73 Cf. D. Aigle (ed.) – *Miracle et Karama: hagiographies médiévales comparées*. Turnhout: Brepols, 2000.

74 Cf. Nelly Amri; Denis Gril – *Saint et sainteté dans le christianisme et l’islam le regard des sciences de l’homme*. Paris: Maisonneuve / Larousse, 2007.

75 Cf. Cesare Alzati; Gabriella Rossetti – *Profili istituzionali della santità medioevale: culti importati, culti esportati e culti autoctoni nella Toscana Occidentale e nella circolazione mediterranea ed europea*. Pisa: GISEM-Edizioni ETS, 2008.

76 Cf. Stefano Cavallotto – *Santi nella Riforma: da Erasmo a Lutero*. Roma: Viella, 2009.

77 Cf. Pasquale Palmieri – *I taumaturghi della società...*

78 Cf. Peter Clarke; Tony Claydon (ed.) – *Saints and Sanctity*.

79 Cf. Patrick Corbet; Monique Goulet; Dominique Iogna-Prat; Chantal Palluet; Daniel Russo – *Adélaïde de Bourgogne: genèse et représentations d’une sainteté impériale. Actes du colloque international du Centre d’études médiévales – UMR 5594, Auxerre 10 et 11 décembre 1999*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 2002.

80 Cf. Michel Lauwers – *Guerriers et moines: conversion et sainteté aristocratiques dans l’Occident médiéval (IX^e-XII^e siècles)*. Antibes: Editions APDCA, 2002

81 Cf. Erin Kathleen Rowe – *Saint and Nation: Santiago, Teresa of Avila, and Plural Identities in Early Modern Spain*. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 2011.

82 Cf. Paolo Golinelli (ed.) – *Il pubblico dei santi: forme e livelli di ricezione dei messaggi agiografici*. Roma: Viella, 2000.

83 Retomando também um filão dos anos 80, de que foi emblemático J.-Cl. Schmitt – *Les saints et les stars: le texte hagiographique dans la culture populaire*. Paris: Beauchesne, 1983; Stephen Wilson (ed.) – *Saints and their cults: studies in religious sociology, folklore and history*. Cambridge University Press, 1983, depois algo abandonado por causa das polémicas em torno da “religiosidade popular”.

84 Cf. Pierre Boglioni – *Hagiographie et folklore...*

85 Para além das obras sobre o processo de canon acima referidas, cf. Michelle Light – *Evidence of Sanctity...*

Sem dúvida que incorpora elementos de diferente referencial mas estes – no âmbito da santidade institucional que, como veremos, é alargada quase até “à nascente” pelo processo de canonização centralizado em Roma, posto de pé entre o séc. XII e o XVII – são integrados e subordinados a uma função que lhe é atribuída pela instituição eclesiástica. Tal realidade tem dois significados imediatos. Em primeiro lugar, é preciso saber como, porquê e de que modo a Igreja elabora a categoria “santidade”. Depois, é preciso caracterizar a forma como essa categorização e os seus “atos práticos” – na sua maior parte, formas administrativas e jurídicas de apreensão e arrumação de *inputs* exteriores, sinalizados pelos que desejam levar alguém aos altares, ou captados por instâncias disciplinares que patrulham as manifestações espontâneas do sobrenatural – como eles, portanto, apreendem esses *inputs*. E aqui, sobretudo porque estamos face a práticas administrativas escritas, que produzem documentação, é interessante utilizar os conceitos das ciências da informação, em particular os relativos ao arquivamento da informação como “ato ativo” do arquivista e, em geral também, da administração que ele serve. Em primeiro lugar, transforma-se a informação em documentação e depois monta-se a documentação em processo. O elemento sacral é objeto de uma “administracização”, via direito e teologia. Aquilo que aos poucos – mas muito antes do séc. XVII – se concretiza como “processo de canonização” é no fundo uma forma específica de “arquivar” as manifestações do sagrado e de as preparar para a posteridade (podendo esta ser a entrada no panteão dos santos ou a exclusão do mesmo). Mas esta arquivagem (tal como todas as outras) não é uma “conservação” do candidato a santo para a História em função de uma perspetiva neutra; pelo contrário, ela interrompe e age sobre a conservação natural dos documentos, organizando-os a partir de um inquérito, tirando uns, deixando outros e criando novos. Isto é visível de uma forma interessante ainda hoje, nos arquivos eclesiásticos. A existência de um processo de beatificação ou de canonização altera, por vezes profundamente e para sempre, a ordem do arquivo, e cria um novo conjunto documental, uma coleção, precisamente o “processo”. Mesmo falando do ponto de vista estritamente técnico da organização dos arquivos religiosos, um processo de canonização é sempre perigoso, pois altera a ordem natural, com frequência para sempre. De uma forma metafórica, o “santo” (em potencial) funda uma nova realidade no material da História e memória daquele grupo, interrompe o seu percurso “normal”. E é tanto mais curioso quanto este é vivido, em geral inicialmente, de uma forma muito identitária de regresso afetivo às origens – mas é preciso cuidado por este regresso ser, na verdade, orientado por um guião que, em geral, reconstrói essas origens a partir de critérios definidos pelo “centro administrativo”. À medida que o processo se desenvolve, a relação dos promotores com a figura vai-se acomodando a uma lógica menos afetiva, mais administrativa, mais “romana”.

3.2. A santidade vista pela historiografia da “Igreja como instituição central da civilização feudal”

Esta leitura do fenómeno não pode ser separada de um conjunto de medidas de “governança” e de disciplinamento de que a Igreja começa a dotar-se na Reforma Gregoriana, momento a que a nosso ver é preciso recuar para perceber a questão da santidade – jogando-se 90% de tudo o que diz respeito à mesma daí até Latrão IV (1215). Esse conjunto de medidas teve como função não tanto “libertar a Igreja do feudalismo”, como dizia a História eclesiástica tradicional, mas muito mais do que isso. O processo visou tornar a Igreja a instituição central e única na relação entre várias realidades binárias que se entrecruzam – os homens e Deus, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, o bem e o mal, o corpo e a alma. E o seu sucesso baseou-se na enorme capacidade da Igreja como máquina de integrar *outputs* e os organizar de acordo com os seus quadros mentais e o fim a que se propõe. É neste âmbito que se torna iluminadora a consideração da Reforma Gregoriana como um momento de “refundação e aprofundamento da sacralização”, tal como tem sido estudada e definida por um conjunto de historiadores de diversa proveniência: inglesa- R. I. Moore e a formação da «*persecuting society*»⁸⁶; americana – em especial o aprofundamento dos estudos sobre Cluny numa perspectiva não só sociológica⁸⁷ (a que sucedera em França à velha História eclesiástica) e ainda, os estudos de género, fundamentais porque foi sobre as mulheres que se exerceu um especial controle pelo novo tipo de instituição eclesiástica⁸⁸; e sobretudo francesa, com D. Iogna-Prat⁸⁹, M. Lauwers⁹⁰, Alain Guerreau⁹¹ e Anita Guerreau-Jalabert⁹², Jérôme Baschet⁹³ e Joseph Morsel⁹⁴.

86 Cf. R.I. Moore – *The formation of a persecuting society: power and deviance in Western Europe, 950-1250*. Oxford; Nova Iorque: B. Blackwell, 1987.

87 De que é emblemático B. H. Rosenwein – *To be the neighbor of Saint Peter: the social meaning of Cluny's property, 909-1049*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

88 Cf. Nancy Caciola – *Discerning spirits: divine and demonic possession in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

89 Cf. Dominique Iogna-Prat – *Ordonner et exclure: Cluny et la société chrétienne face à l'hérésie, au judaïsme et à l'islam. 1000-1150*. Paris: Aubier, 1998.

90 Permitimo-nos remeter para a sua página institucional, onde são referidos projectos totalmente exemplares a respeito deste campo de investigação, bem como está disponível a sua bibliografia: <http://www.cepam.cnrs.fr/spip.php?article241> [consultado em 05/08/2013].

91 Entre vários outros, e sintetizando o essencial do seu pensamento neste tema, ver: Alain Guerreau – *A la recherche de la cohérence globale et de la logique dominante de l'Europe féodale*. In Nathalie Fryde; Pierre Monnet; Otto Gerhard Oexle (éd.) – *Die Gegenwart des Feudalismus*. Cöttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002, p. 195-210; Alain Guerreau – *Avant le Marché: les marchés en Europe (XIIIe-XVIIIe siècles)*. *Annales: Histoire, Sciences Sociales*. 56:6 (2001) 1129-1175; Alain Guerreau – *Fief, féodalité, féodalisme: enjeux sociaux et réflexion historique*. *Annales: Histoire, Sciences Sociales*. 45:1 (1990) 137-166.

92 Cf. Anita Guerreau-Jalabert – *Caritas y don en la sociedad medieval occidental*. *Hispania*. 60:1 (2000) 27-62; Anita Guerreau-Jalabert – *L'écclesia médiévale, une institution totale*. In Jean-Claude Schmitt; O.G. Oexle (dir) – *Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen-Âge en France et en Allemagne*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p. 218-226.

93 Cf. Jérôme Baschet – *La civilisation féodale...*

94 Cf. Joseph Morsel – *Espacialização, transparentização e meritocratização das sociedades medievais: sobre alguns fundamentos sócio-históricos da expansão ocidental*. In Miguel Rodrigues; Maria Manuel Torrão (org.) – *Pequena nobreza de Aquém e de Além-Mar*, p. 83-106. Lisboa: IICT, 2011.

Daqui têm saído grandes propostas de leitura da Cristandade como sistema, que recolocam a Igreja no centro da sociedade medieval, mas agora de um modo não apoloético e antes teorizado, construído a partir de leituras interdisciplinares e explicativas, definitivamente arredado das leituras civilizacionais e/ou apoloéticas. Como salienta Etienne Anheim na recensão a *La maison-Dieu: une histoire monumentale de l'Église au Moyen Âge*, de Dominique Iogna-Prat, este e os autores, que a ele associa, na mesma empresa historiográfica, Alain Guerreau, Michel Lauwers, Jérôme Baschet, pertencem a «*un courant d'historiens qui ont profondément renouvelé la connaissance de l'Église médiévale (...) à partir de l'hypothèse d'une coïncidence entre social et ecclésial au Moyen Âge central*»⁹⁵. De facto, a recondução da instância Igreja ao seu papel central de ordenadora da sociedade medieval era absolutamente necessária, de tal forma fora tratada de forma simplista e mecanicista por uma vasta corrente de estudos. A conceptualização da Igreja como “máquina de espiritualizar”, por Jérôme Baschet, parece-nos particularmente operativa. A conjugação entre o espiritual e o corporal era vital ao equilíbrio do sistema. À semelhança da ultrapassagem que foi fazendo de todas as dificuldades na representação da divindade fundadora como um “Deus incarnado”, a Igreja viu-se constantemente obrigada a definir pontes entre os dois mundos. «Apenas na medida em que fazia valer a sua capacidade em espiritualizar o corporal e em promover a assunção do humano até ao divino, é que a Igreja, instituição incarnada fundada sobre valores espirituais, podia ser legítima»⁹⁶. Esta espiritualização não podia porém ser dualista, nem tão-pouco realizada de forma incorreta. As distinções de ordenamento social e individual que eram o divino e o humano, o espiritual e o carnal, tinham de ser relacionadas de modo específico – estritamente diferenciadas (quanto às respectivas naturezas), hierarquizadas (de modo a que o mais digno mande no menos digno) e articuladas (postas em relação no seio de uma entidade articulada). A plasticidade deste sistema de “articulação hierarquizada de entidades separadas” foi enorme, escapando por um lado ao dualismo maniqueísta, por outro à confusão de princípios e, por fim, propondo uma forma positiva de articulação das grandes realidades do cosmos. A existência e a dominação da Igreja encontram-se assim plenamente justificadas, e ela «pode ser definida como uma vasta máquina de espiritualizar o corporal».

Este processo foi muito complexo, e as leituras instrumentalistas e simplistas não colhem. Assentou antes de mais na reformulação do elemento central da religião cristã, o sacrifício eucarístico. Ao fazer passar de símbolo a efetiva transformação de substâncias, repetição constante do sacrifício do Deus, os teólogos do séc. XI atribuem aos sacerdotes e à Igreja, os únicos que podiam fazê-lo, um enorme poder. De facto, a modificação de fundo que os teólogos da Reforma gregoriana operaram sobre o

95 E. Anheim – [recensão a] Dominique Iogna-Prat – *La Maison-dieu: une histoire monumentale de l'Église au Moyen-Âge*, v. 800-v.1200. Paris: Éditions du Seuil, 2006. *Annales: Histoire, Sciences Sociales*. 63:2 (2008) 403-406.

96 Jérôme Baschet – *La civilisation féodale...*, p. 610-615.

sacramento da Eucaristia foi a este respeito fundamental. Como lapidarmente formula Jérôme Baschet, «a transformação da doutrina eucarística é ao mesmo tempo um indício e um instrumento da reorganização espacial da Cristandade»⁹⁷. Entre o século XI e o século XII, a “memória” que estava no coração da celebração eucarística deu lugar à *transubstanciação*, operação pela qual o celebrante alcança a presença real de Cristo no pão e no vinho. A cerimónia torna-se assim um ritual extraordinário, rodeado do mais alto mistério e solenidade. A hóstia, o Corpo de Cristo, é um objeto onde está presente o próprio Deus, e o seu valor de identidade é altíssimo, bem como os efeitos sobre a sacralização dos clérigos e, claro, sobre a espacialização eclesial. O local de celebração torna-se o local onde se dá a presença real de Cristo, o que veio solenizar enormemente o espaço de memória e reunião comunitária do Cristianismo antigo e alto medieval. Definem-se normas rituais claras quanto ao altar, ao edifício e à organização interna e externa dos espaços; as igrejas, nomeadamente as paroquiais, adquirem uma centralidade nova. Por fim, «o sacramento eucarístico não se contenta com exaltar (e ao mesmo tempo exigir) a dignidade do local sagrado onde se realiza – introduz, ao mesmo tempo, na dimensão universal da Igreja». Cada local eclesial, pela presença real de Cristo, surge como centro de um corpo mais vasto (o “corpo de Cristo” é a hóstia mas também a Igreja e todos os seus membros), «como microcosmos à imagem do macrocosmos da Cristandade e em estreita união com ele»⁹⁸.

O reforço da instituição eclesiástica, a partir de então, tornou-se um processo imparável e de algum modo tentacular – se bem que seja reducionista e mesmo errado defini-lo como um plano maquiavélico pré-gizado e do qual se conheciam à partida todas as consequências. Conduziu a uma Igreja institucional que progressivamente se dotou de formas poderosas e multiseculares de auto-organização, de distinção, e de dominação dos poderosos leigos – o poder supremo do Papa e a sua infabilidade, a transformação do clero num corpo separado, a elaboração de um sistema de parentesco não carnal e a minagem do sistema de parentesco carnal alargado que estava na base do poder da aristocracia guerreira; ao mesmo tempo que elaborava formas de captar e organizar o mundo, encarado como palco de luta permanente entre o bem e o mal e, portanto, requerendo um conjunto formidável de armas – o discernimento dos espíritos, o conhecimento das vozes interiores (que levou ao estabelecimento da obrigatoriedade da confissão auricular), a doutrina do Tesouro dos Méritos, a circulação da caridade.

Em todas estas coisas a santidade está imbricada e relacionada. Os santos tinham sido, na Baixa Antiguidade, uma poderosa forma de recomposição das elites, e de concentração/funcionamento do poder carismático e sacral. Após a morte, os seus corpos e relíquias forneceram sacralidade e proteção ao espaço cristão, sendo também,

97 Jérôme Baschet – *La civilisation féodale...*, p. 506.

98 Jérôme Baschet – *La civilisation féodale...*, p. 516.

porém, objecto fácil de apropriação pelos diversos poderes. A existência de formas de expressão e de certificação vagas, dispersas e multiformes deste imenso poder, era algo de profundamente incompatível com o projeto gregoriano. Se, como refere Jérôme Baschet, «não há melhor exemplo da centralização pontifical que a transformação dos procedimentos de canonização»⁹⁹, tal implica colocar a canonização em direta relação com a centralização papal de um modo específico. Não só ou não tanto uma consequência administrativa de um processo “normal” de reforço institucional, mas antes como uma relação a compreender em âmbitos de História do poder, se quisermos, em todo o caso fazendo parte de um projeto de dominação social total, incluindo aqui alma e corpo, vivos e mortos, passado e futuro.

Bibliografia recente sobre santidade e hagiografia¹⁰⁰

- BARMANN, L.; TALAR, C.J.T. (ed.) – *Sanctity and Secularity during the Modernist Period: Six Perspectives on Hagiography around 1900*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1999.
- BOESCH GAJANO, Sophia – *La santità*. Roma; Bari: Laterza, 1999.
- AIGLE, D. (ed.) – *Miracle et Karama: hagiographies médiévales comparées*. Turnhout: Brepols, 2000.
- AIGRAIN, R. – *L'hagiographie: ses sources – Ses méthodes – Son histoire*. Reproduction inchangée de l'édition originale de 1953. Avec un *Complément bibliographique* par R. Godding. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2000.
- GOLINELLI, Paolo (ed.) – *Il pubblico dei santi: forme e livelli di ricezione dei messaggi agiografici*. Roma: Viella, 2000.
- JOASSART, B. – *Hippolyte Delehaye: hagiographie critique et modernisme*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2000.
- LUONGO, Gennaro – *Erudizione e devozione: le raccolte di vite di santi in età moderna e contemporanea*. Roma: Viella, 2000.
- PAOLI, Emore (ed.) – *Gli studi agiografici sul Medioevo in Europa (1968-1998)*. Tavarnuzze (Firenze): SISMEL edizioni del Galluzzo, 2000.
- SCORZA BARCELLONA, Francesco – *Les études hagiographiques au 20^e siècle. Revue d'histoire ecclésiastique*. 25:3 (2000) 17-33.
- Colecção *Tabularium Hagiographicum* (2002) (Société des Bollandistes).
- CORBET, Patrick; GOULLET, Monique; IOGNA-PRAT, Dominique; PALLUET, Chantal; RUSSO, Daniel – *Adélaïde de Bourgogne: genèse et représentations d'une sainteté impériale. Actes du colloque international du Centre d'études médiévales – UMR 5594, Auxerre 10 et 11 décembre 1999*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 2002.

99 Jérôme Baschet – *La civilisation féodale...*, p. 263.

100 Ordenada por ordem cronológica de publicação.

- HOWARD-JOHNSTON, James; HOWARD-JOHNSTON, J. D.; HAYWARD, Paul Antony – *The Cult of Saints in Late Antiquity and the Middle Ages: Essays on the Contribution of Peter Brown*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LAUWERS, Michel – *Guerriers et moines: conversion et sainteté aristocratiques dans l'Occident médiéval (IX^e-XII^e siècles)*. Antibes: Editions APDCA, 2002.
- FABRE, Jean-Michel – *Dictionnaire des canonisations*. Chambray-lès-Tours: Ed. CLD, 2003.
- HENRIET, Patrick – Texte et contexte. Tendances récentes de la recherche en hagiologie. In CASSAGNES-BROUQUET, S.; CHAOU, A.; PICHOT, D. (ed.) – *Religion et mentalités au Moyen Âge: mélanges en l'honneur d'Hervé Martin*, p. 75-86. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003.
- Mélanges de la Casa de Velázquez*. 33:2 (2003).
- EMERY, Elizabeth Nicole; POSTLEWATE, Laurie – *Medieval saints in late nineteenth century French culture: eight essays*. Londres, McFarland, 2004.
- KLANICZAY, Gábor – *Procès de canonisation au moyen âge aspects juridiques et religieux*. Rome: École française de Rome, 2004.
- TALAR, C.J.T. – Discourse on Method: Hippolyte Delehaye's Légendes hagiographiques. In EMERY, Elizabeth Nicole (ed.) – *Medieval Saints in Late Nineteenth-Century French Culture*. Londres: McFarland, 2004, p. 139-159.
- BENVENUTI, Anna – *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005.
- BENVENUTI, Anna (ed.) – *Il tempo dei santi tra Oriente e Occidente: liturgia e agiografia dal tardo antico al Concilio di Trento. Atti del IV convegno di studio dell'Associazione Italiana per lo Studio della Santità*. Roma: Viella, 2005.
- BOGLIONI, Pierre – Hagiographie et folklore: quelques coordonnées de leur rapport. *Florilegium: revue de la société canadienne des médiévistes*. 22 (2005) 1-24.
- DEUFFIC, Jean-Luc; VAUCHEZ, André – *Reliques et sainteté dans l'espace médiéval*. Saint-Denis: Pecia, 2006.
- GOULLET, Monique – *Écriture et réécriture hagiographiques essai sur les réécritures de vies de saints dans l'Occident latin médiéval (VIII^e-XIII^e s.)*. Turnhout: Brepols, 2006.
- LIGHT, Michelle – Evidence of Sanctity: Record-keeping and Canonization at the turn of the 13th Century. *Archivaria*. 60 (2006) 105-123.
- LONGO, Umberto; BARONE, Giulia – *La santità medievale*. Roma: Jouvence, 2006.
- AMRI, Nelly; GRIL, Denis – *Saint et sainteté dans le christianisme et l'islam le regard des sciences de l'homme*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2007.
- GODDING, Robert; JOASSART, Bernard; LEQUEUX, Xavier; DE VRIENDT, François (ed.) – *De Rosweyde aux Acta Sanctorum: la recherche hagiographique des Bollandistes à travers quatre siècles*. Actes du Colloque international (Bruxelles, 5 oct. 2007). Bruxelles: Société des Bollandistes, 2007.

- GODDING, R.; JOASSART, B.; LEQUEUX, X.; DE VRIENDT, Fr.; VAN DER STRAETEN, J. – *Bollandistes, saints et legends: quatre siècles de recherche*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2007.
- ALZATI, Cesare; ROSSETTI, Gabriella – *Profili istituzionali della santità medioeval: culti importati, culti esportati e culti autoctoni nella Toscana Occidentale e nella circolazione mediterranea ed europea*. Pisa: GISEM-Edizioni ETS, 2008.
- LETT, Didier – *Un procès de canonisation au Moyen Âge: essai d'histoire sociale*. Nicolas de Tolentino, 1325. Paris: Presses universitaires de France, 2008.
- VOLPATO, Antonio (ed.) – *Monaci, ebrei, santi: studi per Sofia Boesch Gajano. Atti delle Giornate di studio «Sophia kai historia»*. Roma, 17-19 febbraio 2005. Roma: Viella, 2008.
- CAVALLOTTO, Stefano – *Santi nella Riforma: da Erasmo a Lutero*. Roma: Viella, 2009.
- JOASSART, Bernard – *Érudition et hagiographie aux XVII^e et XVIII^e siècles*. *Annuaire de l'École pratique des hautes études: section des sciences historiques et philologiques*. 141 (2010) 202-206.
- PALMIERI, Pasquale – *I taumaturghi della società: santi e potere politico nel secolo dei lumi*. Roma: Viella, 2010.
- PHILIPPART, G. – *Hagiographies: Histoire internationale de la littérature hagiographique latine et vernaculaire en Occident des origines à 1550*. Vol. V. Turnhout: Brepols, 2010.
- CLARKE, Peter; CLAYDON, Tony (ed.) – *Saints and Sanctity*. New York: Ecclesiastical History Society, 2011.
- GECSER, Ottó – *Promoting the saints: cults and their contexts from late antiquity until the early modern period. Essays in honor of Gábor Klaniczay for his 60th birthday*. Budapest: Central European University Press, 2011.
- ROWE, Erin Kathleen – *Saint and Nation: Santiago, Teresa of Avila, and Plural Identities in Early Modern Spain*. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 2011.
- RIGAUX, D; RUSSO, D; VINCENT, C. (ed.) – *Expériences religieuses et chemins de perfection dans l'Occident medieval: études offertes à André Vauchez par ses élèves*. Paris: Académie des Inscriptions et des Belles-Lettres, 2012.